

**“Os porquês e o como da comunicação aumentativa”**

**Formadores: Doutorando Joaquim Colôa**

**Doutorando Nelson Santos**

**Formandas: Ana Paula Setúbal Paiva**

**Ana Paula Trindade Antunes**

**Maria José Leal Saragoça**

**Março/2014**

“Todas as pessoas, independentemente da extensão e severidade das suas deficiências, têm o direito de influenciar através da comunicação, as suas condições de existência.”

*National joint committée for the communication needs*

*of persons with severe disabilities (1992)*

**O QUE É COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA?**

Refere o Dicionário da Língua Portuguesa (2010, p. 391): comunicação é a “troca de informação entre indivíduos através da fala, da escrita, de um código comum ou do próprio comportamento.”

Com efeito, há sempre uma mensagem por detrás daquilo que dizemos ou dos silêncios a que nos subtemos, das atitudes que tomamos ou da inércia a que nos entregamos.

Não obstante podermos comunicar de tantas formas, nem sempre é possível, por condicionantes várias, os interlocutores compreenderem-se entre si sem recurso a produtos que os apoiem nessa comunicação.

Atualmente, existem inúmeros dispositivos, recursos e sistemas que facilitam e fomentam o ato de comunicar. A estes suportes de apoio designamos de sistemas de comunicação aumentativa e são compostos por símbolos ou conjuntos de símbolos que podem ser usados sem ajuda ou com ajuda, isto é, sem ou com necessidade de recurso a um dispositivo exterior (Direção Regional de Educação do Centro [DREC] et al., 2012).

Estes sistemas permitem que as pessoas com problemas em comunicar “interajam com os outros, manifestando as suas opiniões, sentimentos e tomadas de decisão” ou, dito de outra forma, possibilitam-lhes a “participação na sociedade em igualdade de direitos e oportunidades.” (DREC et al., 2012, p. 6)

A decisão de usar ou não um sistema de comunicação, bem como o tipo de sistema a utilizar, deverá depender das necessidades da pessoa que o vai utilizar devendo ter em conta, entre outros aspetos, a sua idade, a motivação, a mobilidade, o nível de expressão/comunicação e o contexto da sua utilização. Nesse sentido, aplicámos a BATERIA DE AVALIAÇÃO – ADAPTAÇÕES PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS MOTORAS (Retirado de Calvo, R. E. et al., 1990), fornecida pelo formador Joaquim Colôa, como documento provisório de aplicação livre para utilização em contexto académico.

BATERIA DE AVALIAÇÃO – ADAPTAÇÕES PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS MOTORAS (Retirado de Calvo, R. E. et al., 1990)

Síntese dos resultados e breve reflexão decorrente da aplicação da bateria

Esta bateria avalia os seguintes indicadores:

- Aspetos de comunicação - situações básicas de compreensão e de expressão;

- Aspetos básicos de motivação;

- Aspetos básicos do nível do controlo postural e de mobilidade;

- Aspetos básicos do contexto;

- Aspetos básicos para a tomada de decisões relativamente à utilização de sistemas aumentativos de comunicação

- Aspetos básicos para a tomada de decisões relativamente à seleção de um sistema aumentativo de comunicação (sem ajuda ou com ajuda).

A bateria foi aplicada a uma aluna de 6 anos que frequenta o 1º ano de escolaridade e que tem Síndrome de Angelman, diagnosticada aos 15 meses. O objetivo é selecionar o sistema de comunicação aumentativo mais adequado ao caso acima referido.

1. Compreensão e expressão - A Maria distingue pessoas familiares de estranhas, pelas reações que demonstra, reconhece imagens e responde a instruções simples. Expressa-se através de gestos, expressões faciais, utiliza algumas sílabas com significado (para referir-se aos diferentes familiares, mas também noutros contextos sem significado) e mostra atitudes de negação (atira-se para trás na cadeira, faz uma lamúria como se chorasse, senta-se no chão…). Não consegue dar indicação de necessidades primárias (fome, sede, vontade de ir à casa de banho).

2. Motivação - Para as tarefas de aprendizagem mais formal, a aluna necessita de estímulo verbal e reforço positivo constante, de modo a prender-lhe a atenção, que só consegue por tempos diminutos. Necessita sempre da ajuda de um adulto na execução destas tarefas. A motivação da aluna ainda está muito centrada em objetos de plástico ou borracha que leva à boca e que lhe dão uma espécie de sentimento de descontração. Nesses momentos não necessita da atenção de ninguém, mas também não produz qualquer trabalho nem realiza qualquer atividade. Este levar à boca dos objetos, tem sido trabalhado no sentido de ser um hábito que abandone, mas a aluna tem trocado os objetos pelas mãos.

3. Controlo postural e mobilidade – Anda sem apoio, mas sempre sob supervisão próxima de um adulto porque ainda se desequilibra muito. Sobe e desce escadas apoiada no corrimão e no adulto. Não é capaz de apontar, mas consegue efetuar pressão com ambas as mãos sobre objetos colocados na mesa. Não demonstra qualquer interesse em segurar material de escrita, mesmo com adaptadores, nem parece compreender a sua funcionalidade.

4. Contexto – O centro escolar frequentado pela Maria é um edifício novo e sem quaisquer barreiras arquitetónicas. O espaço da sala de aula está organizado de modo a que a Maria aceda ao seu material e a que veja tudo o que se passa à sua volta.

5. Sistemas aumentativos de comunicação - Após uma primeira avaliação positiva dos aspetos cognitivos, sociais e comunicativos e dos aspetos dos reflexos orais, somos imediatamente conduzidos ao ponto “X – Aspetos ambientais”; subdividido em três alíneas que, sendo de resposta afirmativa, nos conduz à conclusão de que deve ser planificada a terapia e selecionado um sistema aumentativo de comunicação.

6.“Indicadores de aspetos básicos para a tomada de decisões relativamente à seleção de um sistema aumentativo de comunicação (sem ajuda ou com ajuda)”

O que nos é indicado no ponto I é que “as capacidades cognitivas e de linguagem recetiva são adequadas para a compreensão da fala”, ou no mínimo para a compreensão de ordens simples, acrescentamos nós. A partir do ponto em que se questiona se “as suas capacidades são adequadas relativamente à motricidade fina e grossa” e a resposta é negativa, somos direcionados para o ponto “VII - Necessita utilizar o sistema aumentativo de comunicação em diferentes contextos”. Ao respondermos sim, somos encaminhados para o ponto “IX - Podemos dispor de um sistema aumentativo de comunicação incorporado numa tecnologia de apoio portátil e facilitadora da autonomia”. A resposta positiva leva-nos a concluir: “utilize-o e decida qual o sistema aumentativo de comunicação mais adequado”.

*Observações:* Neste documento existem dois pontos numerados como VI e quando chegamos ao ponto VII, o seguinte que nos surge é o IX. Esta constatação, leva-nos a considerar que podemos estar, por seleção e exclusão, a seguir um caminho incorreto, se de facto houver erro na numeração das questões. Consideramos, apesar destas questões meramente estruturais, que este despiste é interessante e conduz-nos a uma conclusão absolutamente correta. Contudo, importa-nos deixar como sugestão, que alguns sistemas aumentativos de comunicação poderiam ser aconselhados para quem, nunca tendo trabalhado com uma criança com limitações graves ao nível da comunicação expressiva, pudesse ter um conjunto de referências que orientasse os professores e técnicos nessa seleção, sem que se perca tanto tempo noutras ferramentas infrutíferas.

A Maria iniciou a utilização do Sistema de Comunicação por Troca de Símbolos (PECS) quando ainda frequentava o Jardim de Infância, contudo sem quaisquer resultados. O mesmo sistema foi continuado no 1º ano de escolaridade e por haver uma maior possibilidade de sistematização na sua aplicação começou a dar os primeiros resultados positivos.

1. A Maria efetua corretamente a troca do cartão (fotografia do objeto real) pelo próprio objeto que está na mão da professora/terapeuta;
2. A Maria seleciona de entre dois cartões o que corresponde ao objeto que está na mão da professora/terapeuta;
3. A Maria vai ao local onde estão colocados os cartões e vai buscar o do objeto que deseja.

A partir deste momento, a aluna ia buscar sempre o mesmo cartão porque era o objeto da sua preferência, um pato de borracha que gosta de levar à boca. Foi resolvido, então, criar um livro de comunicação por categorias (necessidades básicas, opções de lanche - numa primeira fase) que iria ser aplicado agora no 3º período.

Entretanto, o pai da Maria foi contactado para participar num estudo denominado “From Happy Puppets to Happy Child”. Este estudo consiste na construção e testagem de uma aplicação informática, em ipad, adaptada a crianças com Síndrome de Angelman, com o objetivo de se desenvolver um novo sistema de comunicação aumentativa.

Os pais e intervenientes diretos na área do desenvolvimento da comunicação (terapeuta da fala e professora de educação especial) deslocaram-se ao Hospital de Santa Maria, onde foi explicado que será uma aplicação com fotografias que, através do toque, geram a vocalização da palavra. Contudo, todos os passos são os utilizados no sistema de comunicação que a Maria já utiliza (PECS) e, desta forma, é só transferir para o ipad.

Referências Bibliográficas:

Calvo, R. E. et al. (1990). *Evaluacion – adaptaciones para ninos com deficiências motoras.* Madrid: Ministério de Educacion e Ciencia. (Adaptação livre para utilização em contexto académico).

Direção Regional de Educação do Centro, Centro de Recursos para a Inclusão Digital, CRTIC Aveiro, CRTIC Castelo Branco, CRTIC Coimbra, CRTIC Guarda, CRTIC Pombal e CRTIC Viseu (2012). *Comunicação aumentativa*. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

*Dicionário da Língua Portuguesa* (2010). Porto: Porto Editora.

National joint committée for the communication needs of persons with severe disabilities (1992). *Guidelinesfor meeting the communication needs of persons with severe disabilities.* ASHA, 34.